



Declaração à imprensa seguida de entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em conjunto com o primeiro-ministro da Suécia, Fredrik Reinfeldt

Estocolmo-Suécia, 11 de setembro de 2007

Primeiro, quero cumprimentar o Primeiro-Ministro,

Quero cumprimentar a imprensa brasileira e a imprensa sueca, e dizer para vocês que é uma alegria muito grande voltar à Suécia como presidente da República. Eu vim aqui várias vezes como presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, eu vim aqui várias vezes como candidato a presidente da República do Brasil e, graças a Deus, eu sou o primeiro chefe de Estado brasileiro a fazer uma visita como chefe de Estado.

Por incrível que pareça, em todos os países que vou visitar, com quem o Brasil tem uma extraordinária relação, é a primeira visita de chefe de Estado que estamos fazendo, o que significa que durante muito tempo nós estivemos subordinados apenas a ter relações com meia dúzia de países. E pelo fato de ter essa história de muita solidariedade dos trabalhadores suecos com os trabalhadores brasileiros, afinal de contas, depois de muito tempo foi exatamente numa empresa sueca que aconteceram as primeiras greves em 1978 e, por conta disso, estabelecemos uma extraordinária relação, tanto com a empresa quanto com os trabalhadores da Suécia, que sempre foram muito solidários.

Dito isto, estou agora como presidente da República e sinto a mesma compreensão sobre o Brasil. Isso demonstra que não era apenas uma visão dos representantes dos trabalhadores, mas é uma visão também do governo da Suécia com relação ao Brasil.

Nós todos sabemos que as relações bilaterais entre Brasil e Suécia são de extraordinária qualidade, não apenas porque existem quase 200 empresas



suecas no Brasil, não apenas porque São Paulo é o segundo estado onde as empresas suecas estão, não apenas pela quantidade de empregos que as empresas suecas geram no Brasil, mas também pelo pensamento político nos fóruns multilaterais, em trabalhos conjuntos que fazemos ao longo de tantos e tantos anos.

Depois, discutimos a questão climática. A questão climática é extremamente importante nesse momento, porque nós não podemos mais ficar jogando a culpa, quem é que tem a responsabilidade pelo fato de o Planeta estar ameaçado pelo gás efeito estufa. Eu acho que agora o grande desafio que está colocado é o que fazer para amenizar os problemas que nós já criamos. E a maturidade que nós precisamos colocar nas discussões – por isso estaremos juntos no dia 24 de setembro nos Estados Unidos – é saber o seguinte: foi assinado o Protocolo de Quioto, nós vamos cumpri-lo ou não vamos cumpri-lo? Quem está fazendo o quê e quem vai fazer o quê? Se cada um assumir a responsabilidade de fazer as coisas corretamente, certamente nós teremos chance de salvar o Planeta e, conseqüentemente, nos salvar porque, se tiver um problema, certamente todos sofrerão com o problema. Daí a necessidade da discussão de uma nova matriz energética na área dos biocombustíveis.

Falo isso porque o Brasil hoje é auto-suficiente em petróleo, tem uma das empresas mais modernas do mundo, a mais competente na exploração de petróleo em águas profundas. Mas, ao mesmo tempo, o Brasil assumiu a necessidade de discutir os biocombustíveis. Primeiro, porque ele é menos poluente; segundo, porque ele é mais gerador de empregos; terceiro, porque ele é socialmente mais justo e permite que mais gente participe do processo de produção e, quarto, porque termina sendo mais barato do que o petróleo.

O outro assunto que nós discutimos, e aí é da responsabilidade do Brasil, é que venceu o acordo de dupla tributação que o Brasil tinha com a Suécia e fica na responsabilidade do Brasil cuidar disso para renovar esse



acordo.

Discutimos também a decisão importante que a União Européia tomou ao decidir transformar o Brasil em parceiro estratégico, e nós estamos trabalhando para que a União Européia transforme todo o Mercosul num parceiro estratégico. E estamos contando com a União Européia para que a gente possa, finalmente, definir a Rodada de Doha. Todo mundo sabe quais são os problemas que estão existindo, todo mundo sabe que, de um lado, os Estados Unidos precisam reduzir mais o subsídio, todo mundo sabe que a União Européia precisa flexibilizar a permissão dos produtos agrícolas dos países mais pobres, e todo mundo sabe que a Europa e os Estados Unidos querem que o Brasil e o G-20 flexibilizem nos produtos industriais. Então, todo mundo já sabe o que quer, agora é preciso saber se os números se colocarão de acordo.

Mas acho que nas conversas que eu tenho tido, eu estou convencido de que nós poderemos chegar a um acordo, mesmo que não seja o acordo dos sonhos dos países mais pobres, mas que seja um acordo que permita que as pessoas tenham esperança de que as coisas vão melhorar no comércio mundial.

E, por último, a questão dos biocombustíveis. Um acordo que firmamos com a Suécia é extremamente importante, porque permite que nossos grupos técnicos continuem discutindo, que trabalhem e aprofundemos a pesquisa nessa questão dos biocombustíveis, que possamos fazer parcerias para ajudar terceiros países, porque, quando nós pensamos em biocombustíveis, eu penso na África, em penso em países pobres da América Latina, eu penso em países onde a fome mata muita gente por ano. E eu vejo nos biocombustíveis uma possibilidade de parceria entre países produtores e consumidores para que a gente possa produzir em outros países.

Portanto, quero dizer ao primeiro-ministro que ainda tenho uma meia agenda na Suécia, mas saio daqui gratificado pela compreensão que a Suécia



tem do Brasil e pela compreensão que o Brasil tem da Suécia. Eu acho que nós dois, agora, só temos a tarefa de aperfeiçoar aquilo que os que vieram antes de nós começaram a fazer.

Jornalista: O senhor falou agora sobre a esperança que representam os biocombustíveis para a África, para os países pobres da América Latina. Mas eu queria saber se o senhor tem esperança de que esse combustível vai ser livremente importado para a União Européia, que ainda resiste a isso. E se, também, a produção, a expansão da cana também representa uma esperança para os trabalhadores pobres do Brasil?

Presidente: Primeiro, eu trabalho com a esperança de que na medida em que todos nós defendemos o comércio livre, que o etanol não seja achado... Essa decisão da Suécia é extremamente gratificante para o Brasil e para outros países, e eu espero que seja um passo seguido pela União Européia como um todo e por outros países. Portanto, eu acredito que, mais dia, menos dia, nós reduziremos a tarifa a zero na importação do etanol.

A expansão da cana-de-açúcar para a produção de etanol ou de qualquer outra oleaginosa para produzir biocombustível tem que ser o resultado de um controle muito rígido por parte da sociedade do país que vai plantar. Primeiro, nós temos que ter um zoneamento agrícola. É preciso determinar quais as áreas em que você vai plantar a cana-de-açúcar, quais as áreas em que você vai plantar uma oleaginosa, porque nós não podemos permitir que nem açúcar nem oleaginosa que produz biodiesel possa invadir a Amazônia.

Eu disse outro dia, em Bruxelas, que os portugueses foram tão inteligentes que, em quase 400 anos de introdução da cana-de-açúcar no Brasil, eles não foram produzir na Amazônia, porque eles sabiam que não era um bom lugar para produzir cana-de-açúcar, não só pelo clima, mas também



porque, quem sabe, na Amazônia, a riqueza maior seja a biodiversidade e não a derrubada da floresta.

A segunda coisa que eu acho extremamente importante é que, depois do zoneamento agrícola que nós temos que fazer, a gente possa criar no Brasil um certificado social sobre a produção disso, para que a gente possa exigir que as condições de trabalho garantam que quem estiver comprando no Brasil ou no exterior esteja comprando um produto que tem, como resultado, um trabalhador com carteira registrada, com emprego formal, tendo os seus direitos totalmente respeitados.

Para isso, nós já fizemos nesses últimos 15 dias reuniões com os trabalhadores, reuniões com os empresários, e a Secretaria-Geral da Presidência da República vai discutir a elaboração de um contrato coletivo nacional, levando em conta as peculiaridades regionais, para que a gente possa, também, humanizar as relações de trabalho no setor da produção do etanol no Brasil.

Jornalista: Esse contrato ou acordo dá uma situação privilegiada para a Suécia, comparada com outros países europeus, quando se trata de entrega, no futuro, de álcool etílico?

Presidente: Não entendi a situação privilegiada. Por favor.

Jornalista: É um contrato privilegiado para a Suécia?

Presidente: Se eu pudesse dizer, eu diria...

Jornalista: O álcool etílico é um recurso limitado. No Brasil, já se nota uma demanda do mercado dos países europeus?



Presidente: Primeiro, eu acho importante que haja uma demanda dos países europeus. Havendo uma demanda, nós vamos cuidar de fazer os acordos e as parcerias necessárias para saber onde nós poderemos produzir para atender as necessidades do mercado interno de cada país e dos mercados externos.

Eu digo sempre que a mudança na matriz energética na área de combustíveis, até porque o petróleo não é infinito, ou seja, ele acaba e todo mundo sabe que ele pode acabar um dia, ele é mais poluidor do que o combustível renovável. Então, o que nós estamos pensando? Nós estamos pensando que é possível, num momento em que você tem milhões de seres humanos precisando trabalhar, você tem milhões de hectares de terras ainda sem produzir coisa nenhuma, que você possa fazer parcerias entre países da União Européia, países africanos, e produzir uma parte do combustível que esses países precisam. O que nós queremos é que o acordo possa ser feito direto, ou seja, um acordo da Suécia com Moçambique, um acordo da Itália com a Angola, um acordo da Alemanha com (inaudível). O que eu quero e sonho é que a África tenha possibilidade de ter, no século XXI, a chance que ela não teve no século XIX, no século XVIII, no século XVII e no século XVI. Hoje eu me pergunto: por que a África ficou tão atrasada diante do mundo? É porque durante 300 anos tirava-se as pessoas que tinham mais saúde e os mais jovens, que eram homens livres, e os transformavam em escravos em vários países, dentre os quais o meu. Então, eu penso que está na hora de dar uma chance à África para que ela recupere o tempo perdido. O Brasil quer contribuir com isso, queremos fazer parcerias, nós temos todos os recursos que gostaríamos de ter, mas entendemos que é urgente que a gente pense em como ajudar a resolver o problema.

Muita gente levanta a discussão sobre a questão de alimentos: “Mas vai produzir biocombustíveis e vai faltar alimentos”. Como se 1 bilhão de pessoas que passam fome, hoje, fosse por causa do plantio da cana. Como que São Paulo, no caso do Brasil, é o estado que produz mais cana e é onde as



peças vivem melhor? Ou seja, há uma contradição no campo da teoria e todos nós precisamos nos abrir para debater isso sem rancor, mas com disposição de aprender, ensinar, de convencer e ser convencido, para que a gente possa mudar a matriz energética no mundo.

Jornalista: Presidente, amanhã sai os dados do PIB e espera-se uma aceleração do PIB. O consumo está muito forte e há sinais de que há pressão na inflação. O governo teme um superaquecimento da economia e prepara algum tipo de medida para isso?

Presidente: Não. Primeiro, nós vamos trabalhar para que não tenha um superaquecimento, porque tudo que é superaquecido queima. Se você colocar pão no fogo, feijão no fogo, arroz, carne, e superaquecer, você estraga o seu prato. Nós queremos que a economia brasileira cresça. Cresça com a tranquilidade que vem crescendo, cresça com a tranquilidade do não-crescimento da inflação. Eu acho que o consumo está fortalecido, mas antes é importante lembrar que nós também estamos chegando próximo ao final do ano. Nós vamos trabalhar duro para manter a inflação. Eu digo sempre no Brasil, e disse num pronunciamento no último final de semana: Quem achar que vai voltar a ganhar dinheiro no Brasil com a inflação, vai quebrar a cara. Porque o povo aprendeu que a inflação baixa é um patrimônio de conquista da sociedade que vive de salário, por isso nós não vamos deixar ela voltar. Vamos acompanhar de perto, não vamos tomar nenhuma atitude para frear a economia, porque também, historicamente no Brasil, quando a economia começava a crescer, aparecia alguém para colocar os dois pés em cima do crescimento e jogar um balde d'água. Então, nós nem queremos superaquecer, nem queremos jogar água gelada. Nós queremos que ela continue no caminho que está, que está bem e o Brasil só tem a ganhar com isso.



Jornalista: Presidente, o senhor visitou hoje o Congresso aqui, o presidente do Congresso, as instituições funcionando, e todas as medidas, talvez parte das medidas, não todas, que vocês assinaram hoje, vão depender, talvez, de decisão ou de apoio do Congresso e assim, talvez, no Brasil. Amanhã tem a decisão sobre o futuro de Renan Calheiros e essa decisão, se for por acaso, a permanência dele no cargo, o senhor acha que ele poderia continuar sendo presidente do Congresso? E isso não atrasaria a votação? Porque a oposição poderia ficar contra isso e isso seria complicado para o senhor?

Presidente: Primeiro, eu não posso acreditar em uma moeda com uma única face. Quer dizer que se absolver o Renan, vai ter problema, e se condenar não tem problema? Veja, tem um processo de funcionamento das instituições. Esse processo vem, há mais de 30, 60 dias, tentando encontrar uma solução. Se amanhã for a solução definitiva, qualquer que seja a decisão, nós temos que respeitá-la como uma decisão soberana de uma instituição brasileira chamada Senado Federal. Isso não impede que o Ministério Público abra processo, isso não impede que vá para o Supremo Tribunal Federal. Eu estou dizendo que o momento do Senado termina amanhã e, na hora em que terminar – e diga-se de passagem, nós temos votado muitas coisas no Senado, o Senado não tem parado por conta disso – tem uma pauta para o Senado votar, e vamos continuar trabalhando. Eu não vejo nenhum problema. Eu não faço disso nenhum trauma. Tem uma acusação, tem uma defesa, ou seja, vai chegar um momento em que alguém vai decidir. Quem vai decidir? O Plenário do Senado. Pois bem, decidiu, o veredicto tem que ser acatado, qualquer que seja ele.

Jornalista: Para o governo, seria melhor o Renan ficar ou não?

Presidente: Não tem para o governo. Para o governo, o melhor é que a decisão da instituição seja respeitada, qualquer que seja ela.